

## O Potentado e o Viajante: Representações Sobre o Intelectual na Obra de Edward W. Said

Elisa Goldman  
Doutoranda – PPGH-UERJ  
[egoldman@uol.com.br](mailto:egoldman@uol.com.br)

### RESUMO

Tomamos como base do presente trabalho; a centralidade do debate acerca do papel do intelectual na obra do autor palestino Edward W. Said. Este autor vive um dilema na medida em que preconiza o cosmopolitismo, o hibridismo do entre lugar na suspensão dos binarismos essencialistas. Por outro lado, como ativista, defende o *ethos* nacional a partir do engajamento político no movimento Palestino. A representação do intelectual opera como uma diretriz para as seguintes reflexões: a categoria de exílio constitutiva de uma metáfora ordenadora da experiência intelectual, a crítica ao nacionalismo defensivo originado a partir da reflexão pós-colonial e o hibridismo como privilégio epistemológico que informa uma abordagem do conhecimento.

Palavras-Chave: Intelectuais; Edward W. Said; exílio; identidade nacional.

### ABSTRACT

As base of the present paper, we have considered the debate regarding the role of the intellectual in the production of the Palestinian author Edward W. Said. This author's work represents a paradox when he prioritizes the cosmopolitism, the hibridism of an intermidiate identity in the supression of essentialists binarisms. As an activist, he defends the national *ethos* through the political engagement on the Palestinian movement. The intellectual's representation functions as a guideline at the following reflections: exile as a metaphor that constitutes the intellectual experience, the criticism of defensive nationalism origins from the postcolonial reflection, and the hibridism as a epistemological resource that provides an approach of knowledge.

Keywords: intellectuals; Edward W. Said; exile; national identity.

Ver "o mundo inteiro como uma terra estrangeira" possibilita a originalidade da visão. A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar emprestada uma palavra da música – é *contrapontística*. (SAID, 2003. p. 59)

Delimitar o debate acerca da representação do intelectual na sociedade ocidental contemporânea não parece uma tarefa fácil, o grau de complexidade aparece no desafio de percorrer os inúmeros recortes teóricos já estabelecidos pela História Intelectual nos seus diversos matizes, pela chamada História das Idéias, ou por uma Sociologia dos Intelectuais, amplamente debatida pela produção teórica francesa. Inicialmente precisamos recortar o nosso tema, circunscrever o objeto de análise desse trabalho no interior da obra do pensador Edward W. Said.

Tomamos como base do presente artigo; a centralidade do debate acerca do papel do intelectual na obra do autor palestino Edward W, Said. Esta opera como uma diretriz para reflexões mais amplas que serão inerentes ao conjunto da sua obra. São essas reflexões: a categoria de exílio formativa de uma metáfora ordenadora da experiência intelectual na sua essência, a crítica ao nacionalismo defensivo originada na reflexão pós-colonial, o hibridismo ou entre-lugar como privilégio epistemológico que informa uma determinada abordagem do conhecimento, as relações estreitas entre saber e poder colonial e o problema da representação do colonizado, aqui intimamente relacionado à superação dos essencialismos.

Percebemos então que o debate sobre a representação do intelectual alarga o horizonte de compreensão da *démarche* teórica do nosso autor. Escolhemos privilegiar as seguintes obras<sup>1</sup>: *O Mundo, O texto e o Crítico* (1983), *Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993* (1994), *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2001) e *Humanismo e crítica democrática* (2004).

Para situar a particularidade do nosso autor, devemos reconhecer que no seu caso a atividade acadêmica não foi divorciada do ativismo político. Said representa o entre-lugar de um intelectual que escrevia no Ocidente, de uma perspectiva familiarizada com a cultura ocidental, sua especialidade acadêmica, e a de um árabe cuja identidade histórica foi formada nas margens do Império Britânico (Palestina/ Egito). Ele escreve sobre o Oriente

---

<sup>1</sup> Entendemos que as obras escolhidas ilustram o debate acerca da representação do intelectual e suas implicações teóricas para a obra de Edward W. Said. Trabalhamos com as seguintes edições: *El Mundo, El texto y El Crítico*, Buenos Aires: Editora Debate, 2004. (1ª. edição -1983), *Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993*, SP: Editora Companhia das Letras, 2005. (1ª edição -1994). *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, SP: Editora Companhia das Letras, 2003. (1ª. edição -2001) *Humanismo e crítica democrática*, SP: Editora Companhia das Letras, 2007. (1ª. edição-2004).

Médio como alguém que viveu no exterior por anos, ou seja, seu posicionamento transitou por uma linha dialética quase invisível do interno/externo.

A posição oficial de Said como membro do CNP (Conselho Nacional Palestino, o parlamento Palestino no exílio) foi evocado no contexto intelectual americano para desacreditar sua luta e deslegitimá-lo como um acadêmico desprovido de objetividade. O seu engajamento na luta por um estado Palestino foi recebido negativamente e lido pela intelectualidade norte-americana liberal/ esquerdistas como incompatível com uma postura honesta desejável.

A autora Ella Shohat<sup>1</sup> em artigo inserido numa coletânea sobre Edward Said discute a receptividade negativa da sua obra no cenário intelectual americano contemporâneo. Ella adverte para a recepção “orientalista” das suas teses, para utilizar um termo Saidiano, e para o incômodo provocado no meio acadêmico norte-americano em relação as suas idéias. Sua reflexão inicia-se a partir do seguinte questionamento: Vários Palestinos partem das mesmas posições políticas e teóricas de Said, por que houve uma projeção enfaticamente negativa das suas idéias? Por que o incômodo da comunidade acadêmica norte americana com a sua produção teórica?

A hipótese de Ella é construída através do diferencial da trajetória intelectual de Said. Este não parece estar confinado aos estudos sobre Oriente Médio, além de ter se identificado como uma autoridade dos Estudos da Cultura ocidental. Seu trabalho partilha certos traços da obra de vários intelectuais judeus/ não judeus de Nova York que contribuíram para as mesmas revistas (Commentary, Partisan Review). Said aponta na sua biografia *Fora do Lugar* e em alguns artigos, que apesar dos seus escritos mais tardios abordarem a questão Palestina, a sua atuação intelectual acadêmica, ilustrada nas aulas ministradas, na pesquisa e no trabalho de orientação, abrangeu estudos sobre Teoria literária e literatura comparada. Essa é uma divisão que em certa medida separa a sua inserção acadêmica direta dos seus escritos políticos explícitos.

---

<sup>1</sup> Estudiosa do Multiculturalismo nos EUA, Professora de cinema e Estudos Culturais da Universidade de Nova York, autoras de diversos livros onde discute a questão da representação do Oriente Médio no cinema, além da recepção das Idéias de Edward W. Said e Franz Fanon na produção intelectual israelense. Autora do artigo Antinomies of exile: Said at the frontier of National narrations In: *Edward Said, a critical Reader*, SPRINKER, Michael (ed.), Massachusetts: BlackWell Publishers, 1992.

Para Ella Shohat a figura de Said se tornara ameaçadora ao *establishment* norte-americano em função da sua ambiguidade de definição, ou seja, o seu ethos intermediário, difícil de ser enquadrado. Porta vozes da causa Palestina como Ibrahim Abu- Lughod, Rashid Khalidi e James Zagby, que em certa medida incorporavam estereótipos árabes, especificamente Palestinos, sem transitar por uma inserção dúbia, foram recebidos positivamente e tiveram suas idéias mais facilmente assimiladas em função do seu lugar identitário fixo.

Ainda na perspectiva da nossa autora, Said é visto como aquele que desorienta o binarismo tão necessário ao contraponto Ocidente/Oriente, construído por boa parte da intelectualidade norte-americana, marcada por uma postura explicitamente sionista. O conhecimento sobre o Ocidente, o domínio da língua inglesa, a erudição clássica que a nossa autora chama de “política de estilo”, envolvida em nuances de representação, impedem o paradigma do conflito (Israel /Palestina) explorado pela mídia ocidental.

A leitura crítica de Ella Shohat sobre a recepção de Said nos EUA nos remete a uma questão primordial para a nossa reflexão; a centralidade do conceito de exílio na produção Saidiana. O discurso nacional Palestino ameaça o lugar central do judeu nas margens privilegiadas da Europa/ Euro-América. O exílio, experiência essencialmente judaica, tornou-se mecanismo identitário do povo Palestino. Estamos refletindo sobre alterações no monopólio dos conceitos de exílio e retorno.

Os conceitos de exílio e diáspora que permeiam os debates judaico-sionistas com Said, estão correlacionados à questão da vitimização. “Diáspora” e “exílio” têm sido largamente monopolizados no cenário intelectual americano para se referir à experiência judaica. O Sionismo sempre viu o seu papel de transformador da experiência judaica diaspórica “anormal” numa nação regular.<sup>1</sup>

A resistência israelense à obra de Said e aos intelectuais Palestinos resulta parcialmente do medo do bloqueio da auto-representação Israelense no Ocidente. A evocação de Said sobre os deslocamentos experimentados pelos palestinos deixou de ser exclusivamente sionista para uma imagem reflexiva de outra experiência identitária. O privilégio do exílio aqui retratado nos remete à multiplicidade de posições, pressuposto da condição ontológica do intelectual.

---

<sup>1</sup> SHOHAT, Ella, Antinomies of exile: Said at the frontier of National narrations In: *Edward Said, a critical Reader*, SPRINKER, Michael (ed.), Massachusetts: BlackWell Publishers, 1992. Pág. 135. (Minha tradução)

Edward W. Said transforma a distância existencial e cultural em princípio teórico e em reflexão crítica. Produz-se, então, uma aliança entre a contingência Histórica e a necessidade epistemológica. A construção do entre-lugar intelectual permite que o autor supere os binarismos (Ocidente-Oriente, nós - outros, colonizadores – colonizados) e concretize um lugar de enunciação híbrida, representativa de um discurso pós-colonial.

O estado intermediário desejável para o intelectual, ou facilitador dessa perspectiva universal, está garantido pela experiência do exílio. Esta vivência promove um status intermediário, nem integrado ao novo lugar, nem totalmente liberto do antigo, cercado de envolvimento e distanciamentos pela metade.

Para Said o exílio é a condição que caracteriza o intelectual como uma figura à margem dos confortos, do privilégio e do poder. O intelectual que encarna a condição de exilado não responde à lógica do convencional e sim ao risco da ousadia, à representação da mudança, ao movimento sem interrupção. Para Said o diagnóstico sobre o intelectual deriva da História social e política do deslocamento e da migração, mas não se limita a isso, uma vez que a experiência do exílio pode ser vista de forma metafórica.

O modelo de percurso do intelectual inconformado é exemplificado na condição de exilado, na sensação de estar sempre fora do mundo familiar, predisposto a evitar as armadilhas da acomodação e do bem estar nacional. Para o intelectual o exílio, no sentido metafísico, é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros. Essa perspectiva gera um estilo de pensamento que está sendo abordado mais diretamente na sua obra *Reflexões sobre o exílio*.<sup>1</sup>

Para Said o exilado pode cultivar uma subjetividade escrupulosa, não complacente, que sintetiza uma espécie de resistência ou alternativa às instituições de massa que dominam a vida moderna. Nesse sentido o intelectual é um privilegiado porque pode promover oposição ao mundo “administrado”. Essa reflexão filia-se ao pensamento de Theodor W. Adorno e sua obra *Mínima Moralía, Reflexões a partir da vida danificada*.<sup>2</sup> Este

---

<sup>1</sup> *Reflexões sobre o exílio* e outros ensaios é uma coletânea de artigos publicada originalmente em 2001. Destacamos os seguintes artigos que serão mais diretamente abordados no nosso trabalho; “Reflexões sobre o exílio”, “O Orientalismo reconsiderado”, “A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia”, “A política do conhecimento”, “Identidade, autoridade e liberdade: o potentado e o viajante”, “Sobre a provocação de assumir posições” e “Entre Mundos”.

<sup>2</sup> ADORNO, Theodor W, *Mínima Moralía, Reflexões a partir da vida danificada*, SP: Editora Ática, 1993.

livro foi produzido no período de exílio norte americano e retrata a metáfora de desconforto do homem diante da modernidade. O exílio metafísico se transformou em exílio real nos EUA.

Adorno é um autor que desconfiava e tinha horror à idéia de totalidade, por isso sempre trabalhou com fragmentos, aforismos e digressões. Nesse sentido o gregarismo era uma experiência necessariamente falsa, o todo não poderia ser verdadeiro, o que conferiu um valor maior à subjetividade, à consciência do indivíduo que não poder ser experimentada numa sociedade burocratizada moderna.

Adorno identifica um desconforto na vivência do desarraigamento e prevê que o único refúgio ou salvaguarda constitui-se na produção intelectual, na escrita. Mesmo a escrita deve ser apenas alusiva, animada por atuações descontínuas. A escrita fragmentária, e convulsiva representa a consciência intelectual como incapaz de repousar, constantemente em alerta contra a sedução do enquadramento.

O autor de *Minima Moralia* definiria como parte da moralidade o “não se sentir em casa na própria casa”. Adorno afirma: “Uma insistência desconfiada é sempre salutar, especialmente quando se refere à escrita do intelectual. Para quem não tem mais pátria, é bem possível que o escrever se torne sua moradia, mas não pode haver abrandamento de rigor na auto-análise”.<sup>1</sup> Said recupera a idéia de permanente vigilância da produção intelectual. O inconformismo do exilado e a provisoriedade contingencial aparecem na metáfora da Modernidade.

“As reflexões de Adorno são animadas pela crença de que o único lar realmente disponível, agora, embora frágil e vulnerável, está na escrita”.<sup>2</sup> Nessa perspectiva, o exilado, em razão de sua posição “entre os dois mundos”, torna-se condição da possibilidade de uma utopia intelectual. Cético em relação às “verdades”, eternamente insatisfeito diante dos eventos históricos, o intelectual exilado aprende a enfrentar situações de profunda instabilidade sem jamais considerá-las definitivas.

---

<sup>1</sup> ADORNO, T. W. Apud, SAID, Edward W, *Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993*, SP: Editora Companhia das Letras, 2005. (1ª edição –1994). Pág.65.

<sup>2</sup> SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, SP: Editora Companhia das Letras, 2003. (1ª. edição -2001) Pág.58

Uma das visões do intelectual que permeia a obra de Said consiste em destruir os estereótipos e outras categorias redutivas ao pensamento. O intelectual na sua visão não é alguém que se pode aprisionar no interior de um slogan, na ortodoxia de um partido ou de um dogma. Com base no pressuposto pós-colonial da relação entre poder e conhecimento, Said disserta sobre o papel político dos intelectuais, a importância da liberdade teórica e a representação do intelectual como figura pública.

Na inserção teórica pós-colonial Said está dialogando diretamente com Franz Fanon<sup>1</sup>, o autor da obra *Os Condenados da terra*, no que diz respeito à recusa da doutrina nacionalista como mecanismo de resistência permanente. O nacionalismo representa uma provável armadilha na experiência descolonizadora porque suscita uma resposta mimética do colonizado em relação ao colonizador.

Para além da superação do nacionalismo como primeira etapa de resistência, temos uma consequência mais negativa que diz respeito à criação de categorias estanques e essencialistas. Recusar essa compreensão reducionista é exercitar o “dialogismo” na compreensão do “outro” que só pode ser reconhecido de forma reflexiva no processo do encontro. Fanon inspira Said quando pensa no paradoxo do nacionalismo, enquanto estímulo necessário, para a revolta contra o colonizador e na consciência nacional como passível de se transformar no que ele chama de consciência social, no momento da retirada do colonizador.

No nível do conhecimento esse movimento em busca de uma definição identitária oferece armadilhas que podem ser evitadas. Todo o esforço para esvaziar o peso do eurocentrismo não pode ser interpretado como uma tentativa para substituí-lo pelo afrocentrismo ou islamocentrismo. A particularidade étnica desencarnada do processo Histórico dinâmico não facilita a produção intelectual. Nesse caso, como chave do pensamento pós-colonial, Said reitera a fragilidade e a limitação epistemológica da inversão do protagonismo.

---

<sup>1</sup> Franz Fanon, psiquiatra, escritor de origem antilhana desenvolveu vários ensaios sobre o tema da descolonização com base na sua experiência pessoal nos movimentos de libertação nacional. A influência de Fanon é marcante na obra de Said, especialmente no debate sobre o nacionalismo e o colonialismo. No conjunto da obra de Edward W. Said encontramos em destaque referências ao livro *Os condenados da terra* (1961).

No fundo, o que Fanon oferece de mais convincente é uma crítica do separatismo e da falsa autonomia obtida por uma pura política de identidade que durou tempo demais e foi utilizada em situações que se tornou simplesmente inadequada. O que invariavelmente aconteceu no nível do conhecimento é que se tomam signos e símbolos de liberdade e status pela realidade: você quer ser designado e considerado pelo simples fato de ser designado e considerado. Isso significa que ser apenas um árabe, negro ou indonésio independente pós- colonial não é um programa, nem um processo, nem uma visão. Não passa de um ponto inicial conveniente a partir do qual começa o trabalho verdadeiro e duro.<sup>1</sup>

Said aponta que a problemática da representação do colonizado implica na revisão epistemológica, mais amplamente teórica. Esta promove questões que vão problematizar as Ciências Humanas. Esse debate é realçado no contexto do nosso trabalho porque diz respeito a um dilema inerente à obra do autor. Aqui percebemos os paradoxos de uma aparente filiação teórica desconstrutiva e o posicionamento do mediador ou interlocutor de um objeto que se quer fazer representar em sua obra. O problema da representação do colonizado na situação colonial implica no dilema Saidiano entre a “autenticidade” verdadeira do outro e a construção do chamado arquivo colonial como “comunidade de interpretação”.<sup>2</sup> Estabelecemos então a problemática da questão da mediação na apreensão do objeto estudado.

As relações entre o colonizado e o colonizador devem ser entendidas na perspectiva da própria disputa imperial. A problemática da autoridade intelectual se baseia no lugar de observação, estabelecido fora das relações concretas entre culturas, entre potências imperiais e não imperiais, entre diferentes “outros”. Essa perspectiva oferece o privilégio epistemológico de julgar, e interpretar com “isenção” de interesses e compromissos com as relações em andamento. A representação aparece aqui como dilema teórico e como escolha política. A oscilação descrita representa um desafio intelectual para o nosso autor. Said define o seu objeto como uma “comunidade de interpretação”, embora reivindique voz ativa para o objeto estudado, esvaziando a leitura “Orientalista” promovida pelo Ocidente.

---

<sup>1</sup> SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, SP: Ed. Companhia das Letras, 2003. Pág.182.

<sup>2</sup> Esse conceito será amplamente discutido no artigo “O Orientalismo reconsiderado” parte da coletânea *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, onde o autor rejeita a essencialidade de conceitos tais como; Islã, Oriente e árabes, afirmando a sua existência como “comunidades de interpretação”. Essas designações teóricas representam interesses, alegações, projetos, ambições, retóricas e significados que estão sobredeterminados pela História. É preciso então observar as medições teóricas atribuídas a essas categorias.



O pensamento Saidiano é percebido no desafio da instrumentalização do saber. Ele afirma que nunca conseguiu viver uma vida sem compromissos ou suspensão, o que foi confirmado na sua filiação à causa Palestina. A articulação do papel de crítico com a solidariedade à causa nacional Palestina estabeleceu um paradoxo na sua trajetória. O autor inserido no entre-mundo afirma que trabalha quase exclusivamente com elementos negativos, com a não existência, com a não História, que de forma subliminar deixa transparecer uma identidade contrapontística. Este é um termo oriundo da música que produz uma metáfora para definir a sua escrita.

Depois de assumir gradualmente o tom profissional de um professor universitário americano como maneira de submergir meu passado difícil e inassimilável, comecei a pensar e escrever de modo contrapontístico, usando as metades díspares de minha experiência, de árabe e americano, para trabalhar com ambas e, ao mesmo tempo, uma contra a outra. Essa tendência começou a tomar forma após 1967, e, embora fosse difícil, era também estimulante.<sup>1</sup>

Para Said o intelectual está permanentemente entre a solidão e o alinhamento. A solidão gerada pelo não enquadramento ou pelo caráter universal do discurso e o alinhamento por meio do engajamento político. O humanismo Saidiano presta tributo à crítica antes da solidariedade. Aqui percebemos o dilema de posicionamento que se torna obstáculo para a riqueza do pensamento, por isso a apologia ao contingente que subsidia a liberdade de reflexão.

Nossa hipótese é que esse foi um dilema vivido pelo próprio Said, na medida em que, como intelectual ele preconizava o cosmopolitismo, o hibridismo do entre-lugar na suspensão dos binarismos essencialistas, por outro lado, como ativista, ele defendia um ethos nacional a partir do engajamento político no movimento Palestino. O dilema extrapola a contradição entre teoria e práxis.

Ao acompanhar a *démarche* teórica Saidiana o paradoxo entre humanismo crítico e mediação autoral persiste. Ao tratar da obra mais clássica de Edward Said, *Orientalismo, O Oriente como invenção do Ocidente*<sup>2</sup>, o antropólogo James Clifford<sup>1</sup> refere-se à abordagem do Orientalismo como dedutiva e construtivista.

---

<sup>1</sup> SAID, Edward W. "Entre Mundos" In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, SP: Ed. Companhia das Letras, 2003. Pág. 309.

<sup>2</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente*, SP: Companhia das Letras, 2007. Primeira edição-1978. O Orientalismo é uma das obras mais lidas de Edward W. Said e consequentemente

O Orientalismo é visto como uma totalidade que se transforma num “discurso” caracterizado por uma sistematicidade expressiva, revelada por uma leitura de textos representativos e experiências. Ver o Orientalismo como um “discurso” alinha a perspectiva Saidiana com a metodologia de Michel Foucault. Clifford complexifica essa ramificação e determina um distanciamento de métodos uma vez que a análise textual Foucaultiana seria desenvolvida por meio de um método “arqueológico” e a abordagem do Orientalismo é claramente genealógica. Said insiste na descrição retrospectiva e contínua das estruturas orientalistas nos séculos XIX e XX.

O Ocidente fala de um Oriente mudo, passivo e imutável. Quem está autorizado a falar pelo “outro”, esvaziando o seu aspecto verossímil? A visão Orientalista e a sua respectiva “textualização” suprime a autêntica realidade humana. Essa realidade está enraizada no discurso recíproco como oposto ao processo da escrita. Todas as definições culturais devem ser colocadas sob suspeita devido ao potencial de distorção da linguagem.

Devemos ressaltar duas reflexões de Clifford apropriadas para nossa temática: a primeira sintetiza a contradição entre o Said que apela para o realismo existencial “à moda antiga” e opera no interior do Criticismo teórico, a segunda está representada pela suspeita de uma crítica oposicional ao Orientalismo incidir no “Ocidentalismo”. Podemos sintetizar o diagnóstico de Clifford a partir de uma extensa inconsistência que aparece na aspiração humanística que requer algum tipo de “agência” e o convívio com a renúncia do sujeito no esquema Foucaultiano.

O tema da compatibilidade do humanismo crítico com a ação política atravessa a obra de Said e conseqüentemente os seus comentadores mais atentos. Esse dilema permeia a representação do intelectual no conjunto da sua obra e por isso ocupa lugar no esquema de compreensão da sua trajetória teórica.

---

uma das mais criticadas. Esta foi considerada por muitos autores o marco inicial dos debates Pós-Coloniais o que acabou suscitando uma série de polêmicas teóricas. Por uma questão de escopo e objetivo diferenciado da proposta de análise do Orientalismo, os debates sobre essa obra não serão contemplados.

<sup>1</sup> O artigo *On Orientalism* do antropólogo James Clifford sintetiza um debate extremamente rico sobre os paradoxos teóricos e os respectivos limites epistemológicos inerentes a proposta de desconstrução crítica da representação ocidental acerca do Oriente. O artigo constituiu-se referência para muitos leitores de Said e fonte de debate para o próprio autor que fez menção a esse artigo em muitos dos seus escritos posteriores que reconsideram a proposta construída no *Orientalismo*. Clifford publicou esse artigo na revista *History and Theory* 19[2], fev. em 1980 e o mesmo artigo pode ser encontrado na sua obra *The Predicament of Culture, Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*, Massachusetts: Harvard University Press, 1988. Estamos trabalhando com a última versão.

Como compatibilizar Fanon e Auerbach<sup>1</sup> na mesma obra? A reconciliação pode ocorrer de forma diacrônica, no reconhecimento das descontinuidades teóricas no conjunto da sua obra. Para alguns a resposta está na oscilação entre o Said cosmopolita e o Said nacionalista.<sup>2</sup> Enquanto o Said cosmopolita evita a retórica da acusação intercultural enfatizando a indissociação das culturas, o Said Nacionalista deve empregar narrativas de vitimização e alguma noção correspondente nas relações internacionais ao perseguir a autodeterminação Palestina.

O Said Nacionalista começou a ser gestado a partir de 1967, quando o compromisso com a Palestina passou a se tornar mais claro. O ano de 1967 é lembrado como o ano da Guerra dos Seis dias e representou um marco de sensibilização no ambiente universitário americano em relação à Guerra do Vietnã. Esses formam marcos factuais, descritos pelo autor Palestino, como mecanismos de sensibilização crítica em relação à conjuntura política da época.

O discurso Saidiano opera em duas frentes; a adesão engajada por um lado e na outra dimensão o distanciamento acadêmico do tema "Oriente Médio" que em certa medida o autoriza a falar sobre o assunto com a marca da independência teórica. Said sustenta que o livro *Orientalismo* o colocou no centro de vários debates sobre a implicação da noção de Orientalismo para os estudos do Oriente Médio. Em resposta a uma entrevista concedida a Roger Owen, publicada no livro *Edward Said, continuando la conversación*, Said confirma a importância do livro *Orientalismo* para o seu engajamento.

Como resultado, me parece, fue sólo con la publicación de *Orientalism*, en 1978, que me vi forzado a enfrentar tu misma pregunta sobre la superposición entre academia y política. Fue una instancia dolorosa, como intenté demostrar en mi posfacio a La edición de 1994. Allí decía que era de esperar un poco de hostilidad. Pero me llevé la desagradable sorpresa de encontrarme con lo que me pareció la intencional tergiversación de mi argumento sobre no ser anti-occidental ni pró-árabe, pro-islámico. Parte de esto – no sé cuánto – surgió de la suposición de que,

---

<sup>1</sup> Eric Auerbach foi uma influência marcante na elaboração do Orientalismo, é o conhecido autor do clássico *Mimesis*, sumário do conhecimento humanista da literatura europeia, produzido no exílio, na Turquia, distante de suas principais referências identitárias e intelectuais. Foi citado em diversas obras de Said como mestre do conhecimento europeu e como alguém experiente na vivência do exílio.

<sup>2</sup> Para um maior detalhamento do debate sobre o Said nacionalista e o Said Cosmopolita ver dois trabalhos: MUFTI, Aamir R., Comparatismo Global, In: BHABHA, Homi e MITCHELL, W. J.T. (Comps.), *Edward Said, Continuando la conversación*, Buenos Aires: Editora Paidós, 2006. RAO, Rahul, *Postcolonial Cosmopolitanism, Between home and the World*, Tese de doutorado, [Dphil in International Relations in the department of Politics and International relation], University of Oxford, 2007.

estando yo identificado como palestino/árabe, debía estar escribiendo desde ese punto de vista.<sup>1</sup>

A reflexão sobre o papel político do intelectual permeia uma reflexão encontrada em diversas produções do autor. Para Said a representação do intelectual foi reformulada no contexto da Guerra Fria. A reconfiguração do papel do intelectual não representou a extinção dessa categoria ou o desgaste da sua importância na sociedade contemporânea. Said enumera alguns fatores que estimularam o reposicionamento do intelectual; o alargamento da universidade, a ampliação do número de escritores e intelectuais, a era da especialização, a comercialização e a transformação da economia no mundo globalizado.

Seria preciso distinguir os domínios de atuação do intelectual. Said se refere muito diretamente ao universo norte-americano, seu contexto original de formação e de atuação acadêmica, o que não o impede de adotar uma perspectiva comparativa. No artigo "O papel público dos escritores e intelectuais"<sup>2</sup> Said compara a ambivalência da categoria intelectual no universo norte-americano e francês.

Para os franceses esse conceito contém resíduos da esfera pública. Said cita o que para ele seriam os intelectuais públicos franceses; Jean Paul Sartre, Michel Foucault, Raymond Aron e Pierre Bourdieu. Esses representam o protótipo do intelectual que debate, que apresenta as suas visões a um público mais amplo e que escreve na grande mídia. Configura-se um ponto de partida do esquema comparativo em torno do ideal de intelectual.

Hoje, com o que parece uma revivescência de Sartre e com Pierre Bourdieu ou suas idéias aparecendo quase até o dia de sua morte em cada número do *Le Monde* e *Libération*, um gosto consideravelmente estimulante por intelectuais públicos apoderou-se de muitas pessoas, creio eu. De uma certa distância, o debate sobre a política social e econômica parece bem vivo, e não é totalmente unilateral como nos Estados Unidos.<sup>3</sup>

No contexto desse mesmo artigo, Said revive o mecanismo comparativo e diacrônico, sempre intencionando chegar ao contexto intelectual norte americano. O autor cita as

---

<sup>1</sup> OWEN , Roger, Conversación com Edward Said In: BHABHA, Homi e MITCHELL, W. J.T. (Comps.), *Edward Said, Continuando la conversación*, Buenos Aires: Editora Paidós, 2006. Págs. 203/204.

<sup>2</sup> SAID, Edward W., *Humanismo e crítica democrática*, SP: Editora Companhia das Letras, 2007. (1ª. edição-2004).

<sup>3</sup> IBID, Pág 150.

transformações ocorridas no contexto intelectual inglês, ressaltando uma possível deterioração nos anos 80 em função das transformações políticas. Said fala de uma timidez esquerdista da Intelectualidade britânica, em função de um maior espaço dado aos intelectuais neoliberais e thatcheristas, que têm a vantagem de obter mais espaço na imprensa para apoiar ou criticar projetos políticos britânicos.

No contexto norte americano o profissionalismo e a especialização fornecem a norma para o trabalho intelectual. O culto do conhecimento especializado domina hegemonicamente o cenário norte americano, em maior escala do que ocorre no contexto europeu. Na sua visão, o domínio público norte-americano está tão tomado por questões políticas e por considerações de poder e autoridade, que o intelectual sem ambição por cargos, ou que não seja obcecado por colocações importantes acaba não encontrando projeção.

Os intelectuais que encontram espaço de manifestação no domínio público em geral estão comprometidos organicamente com um partido político, um lobby, interesses particulares ou corporativos. Segundo Said a separação entre os dois domínios, o acadêmico e o público é maior nos EUA do que em qualquer lugar. Essa consideração sobre o universo contemporâneo esbarra em paradoxos latentes do seu diagnóstico acerca do papel público do intelectual.

Said tece imagens por vezes muito genéricas e atemporais e insiste em esquemas comparativos muito amplos. O autor Palestino se contrapõe a Perry Anderson, Historiador e editor da revista *New Left Review*, atribuindo a seu discurso a imagem de um “canto fúnebre da esquerda”. A resposta Saidiana caminha aparentemente na direção do reconhecimento de uma intelectualidade “sobrevivente” dessa “decomposição”. Said relembra a existência de intelectuais políticos de relevo tais como; Noam Chomsky, o falecido Eqbal Ahmad, Germaine Greer, Ranajit Guha, Partha Chaterjee, além dos intelectuais irlandeses Declan Kiberd, Luke Gibbons e outros que segundo o nosso autor não aceitariam o “lamento solene do grande slam neoliberal”

O nosso autor oscila entre a posição em certa medida “otimista”, para com a possibilidade de que resta um campo alheio e intocado onde a resistência contra hegemônica ainda é possível e a suspeita de que a dimensão pública do intelectual é

pautada pelo sistema dominante que estabelece as suas regras de inserção. Para Said o intelectual americano tem um desafio maior mediante o papel intervencionista dos EUA na geopolítica mundial. A marca da era em que vivemos aparece na tendência de haver uma ortodoxia mídia-governo dominante contra a qual é muito difícil se posicionar, mesmo que o intelectual deva supor que se pode claramente demonstrar a existência de alternativas.

O papel do intelectual é, num modo dialético, opositor, revelar e elucidar a competição a que me referi antes, desafiar e derrotar tanto um silêncio imposto como a quietude normalizada do poder invisível em todo e qualquer lugar e sempre que possível. Pois há uma equivalência social e intelectual entre essa massa de interesses coletivos dominadores e o discurso usado para justificar, disfarçar ou mistificar as suas operações, prevenindo ao mesmo tempo as objeções ou questionamentos que lhe são feitos.<sup>1</sup>

Said estabelece alguns pressupostos que devem orientar o trabalho do intelectual contemporâneo e sua respectiva intervenção ativa. O primeiro deles é enfatizar a ausência de um plano mestre, projeto ou grande teoria para aquilo que os intelectuais devem fazer, bem como a ausência de qualquer teleologia utópica à qual a História humana pode ser descrita em movimento. Isso deve estar associado ao papel do intelectual na preservação do passado, tendência recorrente na aceleração do tempo. Cabe ao pensador apresentar narrativas alternativas e outras perspectivas da História que não aquelas fornecidas pelos combatentes em nome da História oficial, da identidade nacional e da missão.

Said reflete sobre os usos políticos da História tendo em mente a Historiografia sionista e os sentidos políticos do passado judaico para a construção de uma Historiografia oficial israelense. Esta serviria para ajudar a construir narrativas míticas e constitutivas do estado de Israel.

A “segunda luta” do intelectual aparece na construção dos chamados “campos de coexistência” no lugar dos campos de batalha. Said se refere ao processo de descolonização e o surgimento de substitutos nacionalistas repressivos dos regimes coloniais, apesar dos esforços retóricos do movimento dos não alinhados. Aqui reconhecemos o esforço acadêmico que transformou esse conflito numa disputa ambígua entre oponentes ambivalentes. Said idealiza o intelectual como uma espécie de contramemória, que com o seu contradiscurso não permitirá que a consciência desvie o olhar do objeto.

---

<sup>1</sup> IBID, Págs, 164/165.

Um dos principais papéis do intelectual na esfera pública, segundo a lógica Saidiana é funcionar como uma espécie de memória coletiva: lembrar o que foi esquecido, ou ignorado, fazer conexões, contextualizar, generalizar, ligar os fragmentos a processos mais amplos.

Quanto ao consenso de uma identidade de grupo ou nacional, o dever do intelectual não é mostrar uma entidade natural ou divina e sim um objeto construído, fabricado, às vezes até mesmo inventado, com uma história de lutas e conquistas em seu passado e que algumas vezes é importante representar.<sup>1</sup>

Para Said o seu trabalho do estudioso sempre sofre a influência do seu passado, da sua formação, das suas preocupações não acadêmicas. No seu caso o pensamento foi modulado por experiências como o Exílio, o Imperialismo e o Ethos Identitário Palestino. O movimento do particular para o geral e vice-versa deve ser uma constante. Isso significa falar com a própria voz sem colaborar diretamente com os poderes centralizadores da nossa sociedade.

Ao desenvolver algo além de uma mera vocação profissional, ou o que se denomina por vocação intelectual, o pensador deve fazer um movimento externo à academia em direção ao mundo mais amplo. O intelectual deve ser um oponente do consenso e da ortodoxia em particular. Na visão Saidiana o intelectual entra na esfera pública no momento em que ele escreve. Não importa o tipo de leitor, seja ele especializado ou não. Isso implica em não ter medo da controvérsia ou de assumir posições.

Said não elimina o problema da profissionalização e da respectiva especialização do intelectual. Ele reconhece a questão do esvaziamento da autonomia com o alargamento do meio acadêmico, em especial nos EUA. Para além dessa problemática, reitera uma tendência crescente de corporativismo no ambiente acadêmico norte-americano, o que pode constranger e limitar a consciência crítica do estudioso. Esse debate aproxima o nosso autor do Historiador Russell Jacoby<sup>2</sup>, e suas reflexões sobre o desaparecimento de uma geração de "intelectuais públicos" nos EUA.

---

<sup>1</sup> *Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993*, SP: Editora Companhia das Letras, 2005. Pág. 44

<sup>2</sup> Russell Jacoby é professor de História da UCLA, Universidade da Califórnia, Los Angeles. Historiador e Crítico Social, pensador interessado nas questões relacionadas à História dos Intelectuais na América. Escreveu diversos livros dentre os quais; *Os Últimos Intelectuais, A Cultura Americana na Era da Academia*, SP: EDUSP/Trajatória Cultural, 1990 e *O Fim da Utopia, política e Cultura na era da apatia*, RJ: Editora Record, 2001.

Para Jacoby houve o desaparecimento progressivo de uma geração de intelectuais americanos em função do empobrecimento da cultura pública nos EUA. As transformações ocorreram não só no âmbito da produção intelectual como pode ser percebido também no campo das mudanças de uma “sociabilidade” diferenciada, que motivou o surgimento de um novo leitor. Para Jacoby houve uma transição do intelectual criado nas ruas, nos cafés que debatia assuntos universais assimilados por um leitor educado para um intelectual especializado, inserido no meio acadêmico, forjado dentro dos cânones universitários que escreve para os seus pares em linguagem específica.

A leitura de Jacoby sobre a ruptura de gerações produzida a partir das transformações da cultura pública norte americana parece encontrar algumas fragilidades. Devemos reconhecer que o autor pretende limitar o seu objeto aos intelectuais nascidos e formados no ambiente norte americano. Logo no início do livro *Os últimos intelectuais* ele afirma que as suas generalizações não incluem autores nascidos e educados no exterior, tais como Hannah Arendt, Bruno Bettelheim, W. Reich e outros.

Como a sua hipótese encontra fundamentos na cultura pública, nos aspectos de sociabilidade que constituem gerações que tendem a desaparecer, justifica-se a limitação de escopo dos autores analisados. O limite do seu objeto acaba por subsidiar a confirmação da sua hipótese, porque estão excluídos da sua análise, autores que ajudaram a formar a intelectualidade pensante nos EUA dos anos 60 e 70, mas que possuem as suas raízes em países africanos, asiáticos ou até europeus.

No interior do seu debate não são considerados os autores que se refugiaram nos EUA durante a segunda guerra e no pós-guerra mesmo considerando que esses pensadores ajudaram a formatar de forma marcante o pensamento intelectual norte americano no interior da Universidade. O grupo de intelectuais públicos de Jacoby não pode ser reconhecido no “melting pot”<sup>1</sup> produzido pela experiência das migrações e deslocamentos iniciados na segunda guerra nos EUA.

A geração de escritores, pensadores voltados para uma audiência educada e não especializada foi escasseando à medida que a vida universitária foi se alargando. O marco

---

<sup>1</sup> Nos EUA a sociedade é marcada pela formação social composta por muitos imigrantes africanos, asiáticos, além dos europeus, obviamente as universidades absorveram os grupos heterogêneos e tiveram de abordar tematicamente as sociedades não ocidentais, na literatura, na História e na Antropologia.



de transformação ocorreu nos anos 50 e já nos anos 60 as universidades monopolizavam o trabalho intelectual. Os intelectuais mais jovens estavam ocupados com as exigências de carreiras universitárias e à medida que a vida profissional prosperava, a cultura política se tornava mais empobrecida.

Hoje os intelectuais não-acadêmicos são uma espécie ameaçada; o desenvolvimento industrial e a deterioração urbana devastaram seu ambiente. Eles continuam a sobressair no mundo cultural porque dominaram uma linguagem pública. Os novos acadêmicos são muito mais numerosos do que os intelectuais independentes, mas como não empregam o vernáculo, aqueles que não pertencem a sua esfera raramente os conhecem.<sup>1</sup>

A remodelação do conhecimento, do seu público alvo, da sua difusão e da linguagem aplicada representou um conjunto de mudanças que implicou no novo enquadramento social do intelectual. Para Jacoby o ponto crítico não é a novidade da situação, mas a sua amplitude que aparece no papel alargado e “exclusivista” da universidade como detentora do conhecimento e filtro da produção intelectual. Para a geração nascida após os anos 40 a identidade entre as universidades e a vida intelectual era quase completa. A atração exercida sobre os jovens por altos salários, segurança e estabilidade ajudou na configuração do declínio da vida intelectual tradicional.

Jacoby analisou o universo do Greenwich Village, e o utilizou como exemplo de uma geografia cultural e física que serviu de estímulo para a sociabilidade criativa e edificante do intelectual público. A heterogeneidade urbana, a sociabilidade dos cafés, a amplitude do convívio coletivo menos estratificado, elementos que promoveram um espaço de troca e de efervescência cultural que foi se definindo à medida que os subúrbios foram crescendo e os *campi* universitários foram se consolidando.

Embora Jacoby destaque alguns intelectuais exemplares que se enquadram no que ele chama de publicistas (aqueles que escrevem sobre e para o público esclarecido), o autor trabalha com o conceito de *geração*, ou seja, um grupo “modelar” que compartilhou um conjunto de experiências em comum, partilhou uma sociabilidade que permitiu a aceção de intelectual em processo de extinção na sociedade contemporânea.

---

<sup>1</sup> JACOBY, Russell, *Os Últimos Intelectuais, A Cultura Americana na Era da Academia*, SP: EDUSP/Trajectoria Cultural, 1990. Pág. 20.

Ele destaca como uma das experiências necessárias ao desenvolvimento dessa intelectualidade; a vivência da boemia urbana, aqui entendida como etapa caracterizada pela pobreza, pela liberdade e pelo ódio à vida burguesa, o que promove uma vida desregrada, condição estimulante para a produção intelectual mais livre. O declínio da experiência boêmia trouxe como conseqüência, não apenas a degeneração da inteligência urbana, como também, variações na forma da produção intelectual.

Se a sociedade dos cafés deu origem ao ensaio, aos aforismos, o campus universitário ajudou a produzir a monografia, a conferência e os pedidos de subvenção. O desaparecimento da boemia urbana está estreitamente ligado à expansão dos subúrbios. Nos anos 50 a boemia urbana foi definindo, enquanto os subúrbios prosperavam.

A decadência de um tipo de vivência coletiva da Metrópole gerou o afluxo para as cidades universitárias, encerradas em sua própria logística de funcionamento que ajudou a promover uma distância segura das desordenadas metrópoles decadentes. A aristocratização das cidades elitizou o seu uso e eliminou a heterogeneidade social promovendo a expulsão para os subúrbios ou para os *campi* universitários.

A década de 50 testemunha a rápida suburbanização, a ascensão e a queda do Macarthismo e o desenvolvimento de um grupo de boêmios que será considerado por Jacoby como o último remanescente dos intelectuais públicos, os Beatniks. Os Beats engendraram a contracultura dos anos 60 e representaram uma resistência cultural nas cidades em transformação. A alternativa para a elitização das cidades seria a ida para as universidades ou para as estradas. "Os Beats anteciparam a desurbanização da América, o abandono das cidades por centros menores, subúrbios, centros universitários e áreas distantes. No período da descentralização urbana, os beats foram os últimos boêmios." <sup>1</sup>

Quando Jacoby se refere ao aburguesamento da inteligência americana e seu respectivo conformismo parte do pressuposto da artificialização da intelectualidade acadêmica. A mediação universitária funciona como um desvio da vocação universal do intelectual? Quando Jacoby trata da nova Esquerda no campus universitário ficamos com a impressão de que os ímpetus revolucionários ou as utopias são diluídas frente à

---

<sup>1</sup> IBID, Pág.83

profissionalização. Os sociólogos podem sonhar com a revolução, mas investem na profissão e nos seus mecanismos de assimilação institucional.

A profissionalização significa privatização ou afastamento de um universo público mais amplo. A privatização induz a despolitização, a transferência de energia intelectual de um domínio mais amplo para uma disciplina mais restrita. Se os especialistas abandonaram o cenário público em nome da academização da cultura é porque suas prioridades agora são mais mesquinhas, mais relacionadas à sua ascensão social, as suas ambições individuais. “Não há dúvida de que o desaparecimento dos intelectuais públicos reflete a recomposição do próprio público – coincide com o enorme sucesso da televisão, a expansão dos subúrbios, a deterioração das cidades, o inchaço das universidades.”<sup>1</sup>

A especialização promove a desconfiança das categorias universais, considerando-as não-científicas. A linguagem do trabalho acadêmico representa uma mudança de pretensão, de público e abrangência do trabalho. Os textos são sempre deferentes, limitados, pouco ensaísticos e dentro de normas específicas visando à aceitação. Essa forma de escrita denuncia um conformismo e a diluição do pensamento livre e crítico.

Jacoby no livro *O fim da utopia*, se contrapõe à celebração da especialização, defendida por Tony Judt em *Past Imperfect: french intellectuals 1944-1956*. O primeiro autor discorda que a especialização possa levar a uma maior responsabilidade e que a superação da geração intelectual engajada como a Francesa (A. Malraux, Jean P. Sartre, A. Camus, Mounier e outros) representa um avanço na medida em que a institucionalização exerce uma pressão e um controle maior que funciona como um filtro crítico. Para Judt a leitura especializada exerce o papel de seleção criteriosa e qualitativa do que está sendo produzido. Os argumentos se invertem para Judt e Jacoby, embora partam da mesma transformação geracional, atribuem qualidades diferentes e por consequência chegam a diagnósticos opostos sobre a especialização dos intelectuais.

Jacoby critica a idealização do pensador como um crítico vulnerável que está à margem e discute a “cooptação” institucional do intelectual. A crítica ao autor Palestino, no contexto aqui citado, parte da fragilidade do seu discurso em contraste com o lugar de onde este fala, um espaço institucionalizado. Entendemos que a lógica de compreensão de Jacoby

---

<sup>1</sup> IBID, Pág.250

encaminha essa dicotomia centro/margem para o esquema explicativo do esvaziamento do intelectual público. Jacoby cita o livro *Representações do intelectual* e as definições “Saidianas” com um tom irônico de quem atribui a essa visão de intelectual independente, um caráter mítico.

No artigo *Intellectuals and their discontents*, Jacoby faz uma crítica enfática ao retrato do intelectual engajado que apesar dessa definição, objetiva vivenciar um conjunto de honras institucionais, homenagens, conferências pagas, contratos com agentes editoriais e outras práticas que definem a vida do intelectual como muito próxima das práticas do mundo corporativo. O seu ponto de partida é a geração dos “últimos intelectuais”, que escrevem para ser lidos, ou seja, para não especialistas e são comprometidos com o público.

Para Jacoby essa descrição é incompatível com o intelectual universitário. Distante da visão de Said, para quem o ativismo político pode ser conciliado com a inserção acadêmica, essas duas esferas são dicotômicas para o historiador norte americano. Jacoby não vê sucessores possíveis para intelectuais como Edmund Wilson, Lewis Mumford, Dwight Macdonald ou Lionel Trilling. Se para Said a formação individual, o ethos identitário e a situação política são elementos formativos para o caráter do escritor, para Jacoby, o meio sócio cultural é determinante para definir o perfil dos intelectuais.

No artigo citado acima reaparecem os argumentos negativos sobre a especialização, de uma forma mais branda, Jacoby reconhece a importância e até mesmo a inevitabilidade da especialidade, o que não é aceito, é a justificativa de cada micro-campo, subdisciplina, o aparecimento de cada novo jargão e o caráter insular dessa situação. A especialização pode representar uma etapa de obscurantismo, carreirismo, retrocesso, assim como a simples perda de talento.

Para Said a universidade deve engajar-se intelectual e politicamente nas mudanças políticas e sociais significativas, principalmente na melhoria da situação das populações subalternas. O papel da universidade se confunde com o lugar e a responsabilidade do intelectual. O problema não está na inserção acadêmica do intelectual, que parece aos seus olhos, indiscutível, inevitável, algo já estabelecido. O desafio é discutir como assegurar a liberdade teórica, o compromisso ético e a autonomia acadêmica. As múltiplas identidades, as diferentes origens do lugar da fala, contribuem para essa liberdade teórica.

Uma única identidade dominadora no centro da atividade acadêmica seja ela, ocidental, africana ou asiática promove o confinamento ou a privação. A universidade deve ser o espelho da sociedade, ou seja, feita de numerosas identidades em interação, às vezes de forma harmoniosa, às vezes em antítese.

Said define o seu modelo de liberdade acadêmica como migrante ou viajante. Se fora da academia precisamos assegurar o nosso “eu”, no ambiente universitário é preciso transitar por diversas identidades. Na busca pelo conhecimento, o estudioso deve arriscar, negociar a própria identidade para ser capaz de compreender o outro, a diferença, a alteridade. É um constante exercício oscilatório entre o “eu” e o “outro”.

O intelectual de Said está relacionado ao humanismo crítico sem deixar de atuar nos assuntos políticos. Seu intelectual está colocado de forma intermediária entre a universalidade e o local, o subjetivo e o real. Esse ideal certamente se distancia do “platonismo acrítico” do intelectual pensado por Julien Benda<sup>1</sup>, esvaziado de lugar social e acima das questões mundanas. Nesse contexto os intelectuais são personagens simbólicos marcados por uma distância obstinada em relação aos problemas práticos. Benda foi marcado pela experiência do Caso Dreyfus e pelo contexto da Primeira Guerra Mundial, ambas as situações, teriam colocado a prova o papel ativo do intelectual.

Said tece referências constantes à reflexão Gramsciana sobre o papel do intelectual. Gramsci escreveu nos cadernos do Cárcere que todos os homens são intelectuais, embora se possa dizer que nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectual. Para Gramsci existem dois tipos de intelectuais, os tradicionais (professores, clérigos e administradores) e os orgânicos, diretamente ligados a classes ou empresas, que os usavam para organizar interesses, conquistar o poder e exercer o controle. Os intelectuais orgânicos estão ativamente envolvidos na sociedade, lutam constantemente para alterar as mentalidades e expandir mercados.

---

<sup>1</sup> Julien Benda iniciou a escrita do seu livro mais famoso em 1924, concluído-a em 1927. O título *A traição dos intelectuais*, no original *La trahison des clercs*, representa um esforço em definir que a função dos intelectuais seria pregar valores universais sem recair no realismo mundano. Seria vedado aos intelectuais a subjugação do espiritual ao temporal, com a negação dos valores universais abstratos tais como; justiça, verdade e razão. São valores universais aqueles considerados consubstanciais à consciência humana, ideais desinteressados e racionais que transcendem a realidade histórica. A categoria “clerc” significa no original em francês “clérigo” ou mais amplamente uma pessoa instruída, um homem de letras. A menção a clérigo já denuncia a idealização do intelectual como aquele que encarna valores universais sagrados, acima dos ideais do seu tempo.

A colocação intermediária de Said diz respeito a um debate sobre o intelectual, figura pública ou pensador privado. Se a crítica a Benda como pensador conservador é óbvia, a filiação ao pensamento Gramsciano requer cuidados teóricos. Como Said percebe uma mistura inevitável entre o público e o privado, este último entendido aqui como experiência subjetiva, para o autor é dado como certo a inexistência da figura do intelectual privado.

Não existe algo como o intelectual privado, pois, a partir do momento em que as palavras são escritas e publicadas, ingressamos no mundo público. Tampouco existe *somente* um intelectual público, alguém que atua apenas como uma figura de proa, porta-voz ou símbolo de uma causa, movimento ou posição. Há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade de cada indivíduo, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito.<sup>1</sup>

O movimento previsto deve ser a transferência da esfera particular, subjetiva e individualizada para a coletiva. O círculo do intelectual deve se alargar para além dos seus pares, sem a preocupação de agradar a uma audiência. As limitações de origem e o enquadramento social existem, embora o intelectual deva exercitar o deslocamento, sair da sua linha de conforto.

Said responde a Jacoby quando fala de uma situação intermediária que supõe uma alternativa entre a aquiescência total e a rebeldia extrema. Said discorda da percepção “pessimista” de Jacoby quanto ao processo de esterilização do livre pensamento no ambiente acadêmico. Said argumenta que o trabalho intelectual não é incompatível com o universo acadêmico. Refutar Jacoby não significa inviabilizar a totalidade dos seus argumentos. A crítica a profissionalização do intelectual é um ponto de consonância entre os dois autores, embora seus efeitos sejam menos devastadores para Said.

A ameaça específica ao intelectual hoje, seja no Ocidente, seja no mundo não ocidental, não é a academia, nem os subúrbios, nem o comercialismo estarrecido do jornalismo e das editoras, mas antes uma atitude que vou chamar de profissionalismo. Por profissionalismo eu entendo pensar no trabalho do intelectual como alguma coisa que você faz para ganhar a vida, entre nove da manhã e cinco da tarde, com um olho no relógio e outro no que é considerado um comportamento apropriado, profissional – não entornar o caldo, não sair dos paradigmas ou limites aceitos, tornando-se assim, comercializável e, acima de tudo, apresentável e, portanto, não controverso, apolítico e “objetivo”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> *Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993*, SP: Editora Companhia das Letras, 2005. Pág.26

<sup>2</sup> IBID, Pág.78.

Para o autor Palestino a universidade ocidental, especificamente nos EUA, ainda pode oferecer ao intelectual um espaço quase utópico, em que a reflexão e a pesquisa podem continuar a acontecer sem eliminar alguns constrangimentos e pressões institucionais. Não adianta ignorar as restrições do profissionalismo moderno, ou negar as suas influências.

Said sugere que para manter uma relativa independência intelectual o melhor caminho é ter uma atitude de amador, em vez de profissional. O amadorismo aparece aqui no sentido positivo, não na constatação da insuficiência ou do descompromisso. Essa postura representa uma opção pelos riscos, pelos resultados incertos da esfera pública. O intelectual deve estabelecer compromissos que vão além da estrita carreira profissional. O desafio preciso do intelectual é não deixar-se enrijecer por uma instituição ou tornar-se uma espécie de autômato agindo segundo um sistema ou método.

A metáfora mais apropriada para definir o intelectual segundo a lógica compreensiva de Edward Said é a analogia entre o pensador e o viajante. A imagem do viajante não depende do poder, mas do movimento, de uma disposição de ir para o mundo, utilizar diferentes idiomas, compreender uma variedade de retóricas e identidades.

Os viajantes suspendem a rotina ao viver ritmos variados em novos lugares. Eles atravessam territórios e abandonam suas posições permanentemente alterando as suas perspectivas. Diferente do potentado que precisa guardar somente um lugar e defender suas fronteiras ou que simboliza o dogma e a autoridade, o viajante representa a experiência da impermanência que suscita liberdade, condição primordial para a produção do conhecimento.

O intelectual pensado por Said caracteriza-se pelo que denominamos de "hibridismo" identitário, para além dessa definição, identificamos na sua experiência um estado de tensão irreconciliável entre o estético e o social.

**Recebido em: 13/10/ 2010**  
**Aceito em: 14/12/2010**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W, *Mínima Moralía, Reflexões a partir da vida danificada*, SP: Editora Ática, 1993.
- BENDA, Julien, *A Traição dos intelectuais*, SP: Editora Peixoto Neto, 2007.
- CLIFFORD, James, On Orientalism, In: *The Predicament of Culture, Twentieth- Century Ethnography, Literature, and Art*, Massachusetts: Harvard University Press, 1988.
- FANON, Frantz, *Os Condenados da Terra*, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1979.
- JACOBY, Russell, *Os Últimos Intelectuais, A Cultura Americana na Era da Academia*, SP: EDUSP/Trajectoria Cultural, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Fim da Utopia, política e Cultura na era da apatia*, RJ: Editora Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. Intellectuals and their discontents , *The Hedgehog Review*, Fall, 2000.
- MUFTI, Aamir R., Comparatismo Global, In: BHABHA, Homi e MITCHELL, W. J.T. (Comps.), *Edward Said, Continuando la conversación*, Buenos Aires: Editora Paidos, 2006.
- OWEN , Roger, Conversación com Edward Said In: BHABHA, Homi e MITCHELL, W. J.T. (Comps.), *Edward Said, Continuando la conversación*, Buenos Aires: Editora Paidos, 2006.
- RAO, Rahul, *Postcolonial Cosmopolitanism, Between home and the World*, Tese de doutorado, [Dphil in Internacional Relations in the department of Politics and Internacional relation], University of Oxford, 2007.
- SAID, Edward W., *Representações do intelectual, As Conferências Reith de 1993*, SP: Editora Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *El Mundo, El texto y El Crítico*, Buenos Aires: Editora Debate, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Humanismo e crítica democrática*, SP: Editora Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente*, SP: Companhia das Letras, 2007.



\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, SP: Editora Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Estilo Tardio*, São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

SHOHAT, Ella, Antinomies of exile: Said at the frontier of National narrations In: *Edward Said, a critical Reader*, SPRINKER, Michael (ed.), Massachusetts: BlackWell Publishers, 1992.

SILVA, Helenice Rodrigues da, *Fragmentos da História Intelectual, entre questionamentos e perspectivas*, SP: Editora Papirus, 2002.